

Valdei Lopes de Araújo

Presença que nos abriga

Quando cheguei, em abril de 2004, para assumir minhas atividades como professor de Teoria no Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, a situação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais refletia o longo martírio ao qual a era FHC havia submetido a universidade pública. A chamada “vala comum” era um amplo salão repleto de mesa vazias, de professores que haviam mudado de universidade, frente ao que era ainda um momento de pouca fixação no departamento, conhecido por ser um espaço de passagem para posições mais estáveis.

O espaço físico do ICHS refletia em tons sombrios esse momento institucional. Na época a situação não me desanimou, em grande parte por encontrar na direção do Instituto uma pessoa com o entusiasmo, o vigor e o envolvimento do Ivan. Lutador incansável por melhorias nas condições de trabalho e de vida no ICHS. Ivan não via esse esforço como algo menor, técnico, a ser delegado a outros, mas como a construção de um ambiente que pudesse contribuir para o crescimento humano de todos nós que ali estávamos.

Além dos alunos que ansiavam por um curso de mestrado que lhes permitissem continuar seus estudos na UFOP; outro grande entusiasta de um projeto que muitos achavam impossível – na época tínhamos apenas 07 doutores – foi certamente o Ivan. Ele via na verticalização uma das vocações do Instituto. Hoje, com três mestrados, constatamos que sua aposta estava correta. Uma direção comprometida com a melhoria das condições de permanência e fixação de alunos e professores no ambiente acadêmico foi estratégica para atingir este resultado em tão pouco tempo.

Com uma compreensão ecológica do mundo e dos homens no mundo, Ivan chocava alguns colegas que estranhavam o seu modo pouco canônico, certamente não moderno, de atuar como professor, gestor e ser humano. Nada parecia escapar a sua curiosidade e disposição em contribuir para alterar positivamente a sua conjuntura. Isso ficava evidente na disponibilidade quase sobre-humana para o diálogo ou a simples conversa na cantina ou pelos jardins. O que não quer dizer que lhe faltasse energia ou disposição para defender com veemência suas convicções pessoais.

Chegar ao ICHS para cada dia de trabalho e vê-lo em sua sala ou em seus constantes e vigilantes passeios pelo *campus* era uma alegria e um conforto. Sabíamos que lá estava alguém que não se limitava a ser um burocrata, a redigir ofícios e fugir de suas responsabilidades. Ver o Ivan era sempre reconfortante. Ver, certamente simplifica o que nos impactava em sua presença, pois aquele senhor espadaúdo, anguloso, imponente como os seus queridos guapuruvus, tinha também uma voz que nos atingia com uma clareza e suavidade de dicção intemporal. Era sim um homem árvore em muitos sentidos: em sua facilidade de estender suas raízes, de se alegrar ao servir de abrigo.

O Ivan parecia mesmo alheio à correria superficial, nunca o vi reclamar do excesso de trabalho ou da falta de tempo. Havia ali uma sabedoria que só os tolos poderiam confundir com ingenuidade; talvez fosse a ingenuidade grandiosa que Schiller definiu como privilégio dos Antigos. Talvez por isso, Ivan estivesse entre as poucas pessoas que conheci que caminharam pelo ambiente antigo do ICHS, por sua grandeza histórica, humana e arquitetônica como quem estava ou voltava para casa. Daí sua presença, que se fundiu com esse prédio, com nossos jardins. Mesmo que no futuro tenhamos perdido nossa humanidade, a dele estará amalgamada neste prédio. Mesmo que em um futuro iníquo ninguém mais fosse capaz de senti-la ou reconhecê-la, sua presença continuará nos abrigando. Foi apenas isso que Ivan sempre pediu do mundo, poder cuidar, poder nos religar com a conjuntura da qual a fantasia moderna imaginou ter nos separado. Talvez por isso tenha enfrentado seus últimos dias com generosidade e força, ensinando-nos que também ao morrer podemos cuidar.

Valdei Lopes de Araújo é doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde coordena atualmente o Programa de Pós-Graduação em História.

